

**A (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS DENTRO DA OBRA:  
O CÓDIGO DA VINCI**

Tuany Roberta Queiroz  
Any\_roberta1@hotmail.com  
Manuela Aguiar Araújo de Medeiros - UEPB

**RESUMO**

Escrito na contemporaneidade, o livro *O Código da Vinci* vem iluminar sobre uma discussão que intriga a muitos. Entre suas tantas polêmicas, Dan Brown irá tratar da relação do Cristo com Maria Madalena, da importância desta para se desvendar um segredo oculto pela Igreja Católica que, se revelado, destruiria a fundamentação básica da ideia de Cristo divinizado, desligado das relações “mundanas”, construído como um modelo a ser seguido. A partir daí sua trama irá tratar dos assuntos que permeiam essa construção de maneira tal a deixar o leitor instigado a acreditar na gama de “revelações” bombásticas que as análises de suas personagens trazem, seu enredo é permeado de fatos históricos que aguçam a curiosidade do leitor para procurar e encontrar também aquelas “provas” que desconstróem um discurso dominante, neste caso o discurso cristão, especificamente o católico. Desta maneira, este trabalho busca investigar como a utilização de fatos/fontes históricas influi para a afirmação de certo discurso e assim promover uma ideologia que se quer passar, entender como Dan Brown ao afirmar seu discurso sobre fatos que a História pode comprovar instiga ao leitor buscar essas “provas” e desta maneira passar a acreditar no seu discurso, mas não sendo isso uma regra geral, pois, ao mesmo tempo temos aqueles que não acreditam em nada que o enredo traz, não parando para analisar a presença de tais “comprovações históricas”, ou seja, nesses casos nem mesmo esses fatos históricos são suficientes para a afirmação de tal discurso. Sendo assim, procuraremos verificar como as fontes históricas utilizadas por Dan Brown em sua obra contribuirão para afirmar o discurso contrário ao da Igreja Católica que ele em toda sua obra tenta passar, problematizar como se deu a construção

de uma ficção tendo como base muitos fatos reais, e a (re)significação das fontes históricas, e qual a sua relação com a História.

Palavras - chave: Fontes históricas, Literatura, Discurso

Este trabalho foi realizado tomando como ponto de partida o sentido de uma obra enquanto Literatura. Procuraremos verificar os discursos que Dan Brown (2004) tenta elucidar e de que maneira as fontes históricas irão agir como “comprovação” para tais discursos. Pensaremos o significado das fontes dentro de um texto literário, e dessa forma a relação entre História e Literatura, até que ponto as fontes influenciaram a constituição de ambas.

A História seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico.

(Albuquerque Júnior, 2007, p.49)

Veremos através da discussão de Durval Muniz a relação entre a História e a Literatura, o afastamento entre elas, as relações quase antagônicas, numa forma de escrever que é essencialmente a linguagem, mas diferencia-se pela relação com a verdade, “*A História nasce, assim, já desconfiando dos outros sentidos que não o olhar, estabelecendo esta ligação central no pensamento ocidental, entre a verdade e a visão.*” (Albuquerque Júnior, 2007, p.46). Dessa maneira, a construção de uma Literatura embasada em fatos históricos, vem problematizar esse sentido de História e Literatura, a relação entre elas, e seus discursos, suas maneiras de se construir.

Para que possamos compreender seu discurso, conheceremos o autor, Dan Brown é um escritor estadunidense, famoso pelas polêmicas que permeiam as tramas dos seus livros, a biografia a que dispomos dele na internet, o aponta como um estudioso da História da Arte, especificamente da arte de Leonardo da Vinci, o que podemos considerar fato, é que sua esposa Blythe – para quem ele dedica o romance – pintora e historiadora da arte, colabora com pesquisas que fundamentam suas histórias, dado que consta na orelha do livro, o que encontramos na internet não podem ser consideradas informações confiáveis.

[...], a Igreja primitiva precisou convencer o mundo de que o profeta mortal Jesus era um ser divino. Portanto, quaisquer evangelhos que descrevessem aspectos *terrenos* da vida de Jesus precisavam ser omitidos da Bíblia. [...] um tema terreno particularmente perigoso vivia aparecendo nos evangelhos. Maria Madalena. – Ele fez uma pausa. – mais especificamente, o casamento dela com Jesus Cristo. (Brown, 2004, p.231.)

Colocando em seu livro, diálogos em que trazem discussões sobre a vida do Cristo de forma natural, Dan Brown busca assim ser convincente em suas abordagens, podemos ver que seu objetivo no Código da Vinci é naturalizar um tema que vem sendo questionado, e que interessa a muitos, a castidade de Cristo. Vemos nesse objetivo do autor uma intenção clara, escrever para uma sociedade, sociedade esta que busca quebrar paradigmas, desconstruir verdades. Nesse sentido sua obra será objeto para a construção de um novo discurso, construção ou afirmação de uma nova verdade que não aquela que a Igreja tenta nos dizer até hoje. Sendo assim uma fonte de inspiração e de busca para uma nova versão do Cristo, outra verdade, desnaturalizar o que foi mistificado e que consegue se sobressair apesar de todos os discursos contrários, mostrar numa ficção, evidências de um Cristo humano procurando injetar uma nova ideologia acerca do discurso divino, constituir outras verdades.

E nessa construção Brown (2004) irá buscar naturalizar o fato de que Jesus foi um profeta, mas que não precisa ser casto para ser importante para nós. “– *O Senhor acha que Jesus Cristo tinha uma namorada? [...] – Seria tão ruim assim se ele tivesse? Sophie pensou no assunto e deu de ombros. – Eu não me importaria.*” (Brown, 2004, p.234.). Mostrando essa naturalidade ele contribui para a desconstrução do estereótipo criado pela igreja para Maria Madalena, mostrando que a Igreja a afastou de Cristo por motivos muito mais que religiosos. “*Poucas pessoas sabem que Maria Madalena, além de ser o braço-direito de Cristo, já era uma mulher poderosa antes*” (Brown, 2004, p.235.) a partir daí o rumo da história vai para a polêmica do Santo Graal, que no seu contexto original segundo Brown significaria a linhagem de Jesus com Maria madalena,

... não era o sangue real de Maria Madalena que preocupava a Igreja, mas a união dela com Cristo, que *também* tinha sangue real. Como sabe o Evangelho Segundo Mateus nos diz que Jesus era da Casa de Davi. Um descendente do rei Salomão – o rei dos Judeus. Casando-se com alguém da poderosa casa de Benjamin, Jesus fundiu duas linhagens reais, criando assim uma união poderosa com o potencial de reclamar legitimidade o direito ao

trono e restaurar a linhagem dos reis como era nos tempos de Salomão [...] - A lenda do Santo Graal é uma lenda que fala de sangue real. Quando ela toca no 'cálice que continha o sangue de Cristo'... está de fato falando de Maria Madalena – o útero feminino que concebeu a linhagem real de Jesus. (Brown, 2004, p.236.)

“*Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, [...]*” (Maingueneau, 2006 p. 61) nesse sentido podemos ver que o discurso construído por Dan Brown vai agir como um discurso constituinte, pois, se constitui a fim de se afirmar demonstrando a partir de outros discursos, como a arte, evidências que possam lhe conferir legitimidade, e para confirmar seu discurso ele precisa da morte de outro discurso como coloca Foucault (2001, p.153), neste caso o discurso da igreja precisa ser desconstruído para que o seu tenha validade. Sua construção apesar de ficcional, não se mostra como tal, “*se apaga por inteiro por trás do mundo que ele mesmo cria*” (Maingueneau, 2006 p. 67), ou seja, em dados momentos seu texto tem a capacidade de passar um ar de realidade dentro do seu contexto, levando o leitor a refletir sobre suas colocações e se perguntar sobre possíveis “provas” que aquele discurso tenta construir, buscando mesmo as obras citadas pelo autor para verificar por si mesmo se aquilo que o autor diz tem um fundo de “verdade”.

Trata-se de uma questão de registro históricos – disse Teabing – e Da Vinci certamente sabia disso. *A Última Ceia* praticamente proclama àqueles que a contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal. [...] Observe que Jesus e Madalena estão vestidos como se fossem imagens especulares um do outro. [...], observe que Jesus e Sua noiva parecem estar unidos pelo meio de seus corpos e se afastando um do outro [...] Era o mesmo símbolo que Langdon traçara antes, representativo do Graal, do cálice e do útero feminino. [...] Se você consegue ver Jesus e Madalena como elementos composicionais em vez de pessoas, uma outra forma irá saltar aos seus olhos – fez uma pausa – uma *letra* do alfabeto. [...] Um pouco perfeito demais para ser coincidência, não diria? – perguntou Teabing. (Brown, 2004, p. 231-232)

Vemos aqui uma intervenção de uma obra real na narrativa literária, portanto ficcional. Um objeto histórico que poderá trazer para o seu discurso um tom de verdade, nesse sentido, vemos que a História interferirá para atribuir legitimidade, já que o discurso literário por si só talvez não tivesse tanta autoridade para tal, com o aval de uma fonte histórica comprovando seu discurso, Dan Brown pode com mais facilidade contribuir para a formação de uma nova ideologia. Repetindo dentro de seu discurso,

outros que afirmem o que ele está querendo passar, construirá como diz Foucault (2001, p.163) uma “rede de signos” que passarão uma significação especial para quem o está lendo.

“*Nada pode ser visto como natural, justo, belo, desde sempre.*” (Albuquerque Júnior, 2007, p.46), assim vemos na obra a desconstrução de um discurso que foi naturalizado, tentando passar ao leitor indícios que aquelas “verdades” podem não ser como dizem que são, pode ser que haja outra verdade, outra versão, e para isso vemos mais uma interferência de um objeto histórico que comprove seu discurso, “... *De acordo com esses evangelhos originais e inalterados, não foi a Pedro que Cristo deu instruções para fundar a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena*” (Brown, 2004, p.235.). Dan Brown se utiliza dos misteriosos evangelhos gnósticos para comprovarem tal afirmativa, mostrando que esses evangelhos foram excluídos pela Igreja Primitiva, pois, era preciso tirar Maria Madalena da história para assim encobrir seu “segredo” e assim conseguir constituir o poder masculino e afirmar a Igreja como sagrada, enquanto para a mulher sobraria então o papel de submissa, sinônimo de pecado e para ser santo, divino, teria de ser casto, excluía assim a mulher e com ela sua sacralidade.

Com Durval Muniz (2007) podemos perceber que a construção de Dan Brown acerca de um novo discurso através de objetos históricos acontece tal qual a construção de um historiador, “*O objeto é despedaçado em seus contornos definidos, para retornar ao indefinido, abrindo a possibilidade de um novo vir a ser.*” (Albuquerque Júnior, 2007, p.153), podemos observar que as personagens do Código da Vinci, fazem durante a trama esse despedaçar de objetos a procura de uma nova “verdade”. A História e a Literatura neste momento estão intimamente ligadas. E assim como um historiador Dan Brown irá procurar dizer o que um dado grupo da sociedade quer ouvir

[...] não há um objeto histórico que não seja no mesmo instante um objeto da política. Os contornos que damos ao passado, as regiões que iluminamos, os sujeitos que apanhamos entre poeira e fazemos novamente se encenarem, as tramas que pensamos ouvir nos desvãos dos arquivos, atendem a problemas e embates do nosso próprio tempo, em que estão mergulhadas nossas próprias vidas. (Albuquerque Júnior, 2007, p.154)

Dan Brown nos dá a todo o momento, justificativas que reforçam seu discurso, contestando a Igreja e nos mostrando a “verdadeira”, por assim dizer, história sobre

Cristo. Tentando desconstruir a idéia de poder masculino que foi construído a partir da Igreja Católica, fazendo interligações sobre os símbolos do sagrado feminino,

O poder da mulher e sua capacidade de gerar vida já foi muito sagrado, mas ameaçava a ascensão da Igreja Católica predominantemente masculina, de forma que o sagrado feminino foi demonizado e considerado impuro. Foi o *homem* e não Deus que criou o conceito de ‘pecado original’, mediante o qual Eva provou da maçã e causou a queda da raça humana. A mulher que antes era considerada sagrada, por que dava a vida agora era o inimigo. [...] Lamentavelmente, a filosofia cristã, decidiu fraudar o poder criador da mulher, ignorando a verdade biológica e tornando o homem Criador. (Brown, 2004, p.227.)

Vemos que Brown se utiliza da repetição que fala Foucault (2001, p. 161) para legitimar sua construção, que é escrito para uma sociedade contemporânea onde a figura da mulher ganha força. Tenta constituir um novo discurso que evoque essa feminilidade, que faça as pessoas refletirem o papel da mulher, não somente naquele momento histórico, mas repense também esse papel atualmente, ou seja, essa característica mostra que a obra de Brown é historicamente pensada, é política. Segundo Jameson “*toda literatura... deve ser permeada por aquilo a que chamamos de inconsciente político*” (Citado por Walter, 1999, p. 84).

Portanto, podemos perceber que a (re)significação das fontes históricas dentro de uma obra literária acontece no sentido em que esta não se propõe enquanto História, mas, que constrói seu discurso tomando como base comprovações históricas que podem lhe atribuir um maior grau de veracidade, pois, as fontes históricas podem ser consultadas, problematizadas, e dessa forma contribuirão para aceitação de um novo discurso e contestação de um dado estereótipo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. O Discurso literário como discurso constituinte. In: *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. *A filosofia e a literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WALTER, Roland. Literatura, teoria literária e as diferenças culturais. In: *INVESTIGAÇÕES, linguística e teoria literária*. 10 ed. Recife: Editora da UFPE, 1999. p. 75-106.